

Economia

Conselhos de Prêmio Nobel

Economista defende subsídio ao emprego, globalização e abertura de mercado

FERNANDO PAIVA

O americano James Heckman — que com Daniel McFadden foi agraciado com o Prêmio Nobel de Economia, pelo desenvolvimento de métodos estatísticos para análise da microeconomia: o comportamento econômico individual e familiar — defendeu, nesta quarta-feira, no Rio, a desregulamentação do mercado de trabalho, subsídios para o emprego, a globalização, a abertura dos mercados e a ampliação da pesquisa econômica.

O novo Nobel de Economia criticou os excessos na regulamentação trabalhista de muitos países. Para Heckman, regulamentação em demasia gera desemprego: — No Peru, foi possível observar isso com clareza. Nos últimos anos, Fujimori ora aumentava a regulação, ora reduzia. No primeiro caso, o desemprego crescia, no segundo, diminuía.

Além de reduzir o desemprego, uma regulação mais moderada permite que boa parte do setor produtivo ilegal torne-se legal, favorecendo, assim, a arrecadação de impostos. Essa é a avaliação do professor, que citou os EUA como exemplo de país com uma regulação trabalhista adequada.

— Notamos que nos EUA, onde a regulação trabalhista é pequena, o desemprego é mínimo. Porém a desigualdade é maior que na Europa, onde a regulação é mais pesada — explicou.

Impactos da globalização

Na opinião do economista, sindicatos fortes também propiciam um aumento do desemprego, na medida em que estimulam o fortalecimento da regulação trabalhista.

Apesar de ser um especialista em microeconomia, Heckman não escapou de responder perguntas sobre macroeconomia dos repórteres de jornais de todo o mundo que o rodearam ontem, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), após sua palestra no seminário "Rede sobre a Desigualdade e Pobreza", promovido pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre). Acerca da abertura de mercados e dos efeitos da globalização sobre os países em desenvolvimento, Heckman respondeu: — A curto prazo pode haver danos catastróficos para certas economias por conta da



Heckman: é preciso desregulamentar mercado de trabalho

O QUE É MICROECONOMETRIA

• A MICROECONOMETRIA, ciência pela qual os americanos James Heckman e Daniel McFadden foram escolhidos para o Prêmio Nobel de Economia, consiste em traduzir em fórmulas matemáticas os comportamentos sociais dos indivíduos. Junta a microeconomia, o estudo de dados individuais que avilam os gastos dos consumidores, e a econometria, que expressa a teoria econômica sob a forma de matemática, com a ajuda de métodos estatísticos.

Os trabalhos de Daniel McFadden, referem-se a temas tão diversos quanto o impacto sobre os clientes das mudanças de tarifas telefônicas num mercado competitivo, o estabelecimento de modelos para determinar os critérios de escolha de uma residência e quantos usuários estão dispostos a pagar mais para melhorias das redes de transportes urbanos.

abertura, como aconteceu na Argentina. Todavia, creio que, a longo prazo, a globalização é benéfica.

Segundo o economista americano, o grande problema que os países em desenvolvi-

COMBATER POBREZA CUSTARIA R\$ 70 BI

Não custaria tanto para o Brasil atacar a pobreza. Pelas contas de um dos maiores especialistas no assunto, o economista Ricardo Paes de Barros, diretor de Estudos e Políticas Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), um bom programa de combate à pobreza custaria aos cofres públicos em torno de R\$ 70 bilhões por ano.

— É menos da metade do que os R\$ 150 bilhões gastos anualmente com todos os programas sociais existentes”, explicou. Nessa conta os R\$ 150 bilhões entram hoje os gastos com a Previdência, saúde, educação, trabalho, reforma agrária e todas as ações sociais do Governo.

Vindo de um economista que trabalha para o Ministério do Planejamento, a avaliação pode parecer ousada. Paes de Barros avalia, porém, que o Governo já reconhece que tem programas compensatórios bons, mas que será preciso avançar. — É um absurdo que ainda existam cerca de 15 milhões a 20 milhões de brasileiros que passam fome hoje em dia”, lamenta o economista do Ipea.

O ideal, segundo ele, seria ter algumas ações intensas, como dar bolsas-escola de R\$ 50 para família pobres; microcrédito para quem quer

tocar um pequeno negócio próprio; terra para os que querem trabalhar no campo e conhecimento de técnicas avançadas. — Um bom programa de bolsa-escola custaria cerca de R\$ 20 bilhões por ano”, estima.

Esta quarta-feira foi um dia especial para o economista de 45 anos, reconhecido internacionalmente pela sua habilidade com o tema pobreza, desigualdade e renda. O professor James Heckman, novo Prêmio Nobel de Economia, foi o orientador de tese de Ricardo Paes de Barros.

Conviveram juntos por cinco anos. Tempo suficiente para render elogios rasgados do Prêmio Nobel ao ex-aluno brasileiro. — Foi um dos meus alunos mais brilhantes e íntegros”, disse Heckman.

Paes de Barros ficou sensivelmente lisonjeado com o elogio. — Acho que aprendi coisas importantíssimas com ele”, conta. Uma das principais qualidades do professor de Chicago, comenta o economista brasileiro, é ser um economista que não se preocupava só com estatísticas, mas também com a prática. — Isso é uma verdadeira arte e procurei aprender a fazer essa ponte entre os números e a realidade”, explicou o economista do Ipea.

mento estão encontrando com o processo de globalização é a adequação da mão-de-obra às novas exigências do mercado.

— Muita gente no Leste Europeu está ficando desempregada porque não sabe usar a Internet e não fala inglês. Mais importante do que a criação de subsídios para esse contingente de trabalhadores de meia-idade não qualificados que foram pegos de surpresa pela globalização é o incentivo à educação dos mais jovens. E nesse quesito o Brasil tem feito um bom trabalho, pelo que sei.

Surpresa com premiação

Daniel McFadden, 65, professor da Universidade de Berkeley, e James Heckman, 56, professor da Universidade de Chicago, foram os escolhidos pela Real Academia de Ciências da Suécia este ano. Eles vêm desenvolvendo, separadamente, trabalhos de microeconomia com temática social. Heckman soube da escolha de seu nome nesta quarta-feira, no hotel onde está hospedado.

— De início pensei que fosse uma brincadeira, mesmo porque já fiz essa brincadeira com um colega. A surpresa foi muito grande. Sinto-me honrado. Ainda não sei o que vou fazer com o dinheiro. A única certeza

za que tenho é de que continuarei normalmente minhas pesquisas.

Nos últimos anos, Heckman desenvolveu métodos estatísticos para estudar problemas sociais como o desemprego. Em foco, estavam as consequências de determinados programas sociais para o indivíduo. Especializado em economia trabalhista, o professor de Chicago acredita que subsídios em excesso prejudicam o mercado de trabalho.

— É preciso que se alcance um equilíbrio. Um subsídio como o salário desemprego na Holanda, onde muita gente torce para ser subsidiada, não funciona.

Nos EUA, o professor estudou especificamente um experimento de renda mínima mantida pelo Estado. Alguns trabalhadores com salários muito baixos tiveram sua renda dobrada às custas do Governo. O resultado, para ele, foi satisfatório, pois os indivíduos trabalharam mais e integraram-se melhor à sociedade.

Heckman passa mais alguns dias no Rio, retornando aos EUA no final de semana. No entanto, as horas de descanso que ele pensava em ter aqui no Brasil vão ter que ficar para um próxima viagem. — Ele queria visitar o Museu do Índio, tal como fez há 20 anos, quando veio pela primeira vez ao País”, comentou Aloisio Araujo, professor da FGV, amigo pessoal de Heckman.

Economistas debatem América Latina

Reunião no Rio discutirá estabilidade monetária

Com o tema Perspectivas da América Latina, o vice-diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Stanley Fischer, e o ministro da Fazenda, Pedro Malan, abrem nesta quinta-feira as 10h o quinto encontro anual da Associação de Economia da América Latina e Caribe (Lacea, na sigla em inglês). O evento vai até sábado e será realizado no Hotel Sheraton, no Rio de Janeiro. O encerramento terá a presença do presidente do Banco Central, Arminio Fraga, discutindo a criação da estabilidade monetária na América Latina com o economista Rüdiger Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

O prêmio Nobel de Economia deste ano, James Heckman, será o coordena-

dor de um painel, às 14h30, sobre o impacto das políticas de treinamento nas Américas e no Caribe. Grandes nomes não faltam ao evento, no qual serão apresentados mais de 300 trabalhos de três linhas temáticas, todas ligadas à América Latina.

Uma dessas linhas trata de pobreza e desigualdade social, outra dos regimes cambiais e a estabilidade macroeconômica, e a terceira analisa reformas estruturais. A organização do evento é do Departamento de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O novo diretor de Política Econômica do Banco Central, Ilan Goldfajn, que é professor da PUC, foi um dos organizadores do evento. Ele fala nesta quinta-feira em debate às 11h45 sobre os dois anos do acordo do Brasil com o

FMI. Um dos grandes destaques do evento, o economista-chefe e vice-presidente do Banco Mundial, Nicholas Stern, estará discorrendo sobre o tema de “50 anos de desenvolvimento - lições e desafios”.

Outra autoridade que veio da PUC-Rio é o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, que fala nesta quinta-feira às 16h15. Ele discutirá as mudanças na política econômica na próxima década com autoridades dos governos da Argentina, Chile e Colômbia.

No mesmo horário, o ex-presidente do BC e professor da PUC Gustavo Franco coordena um debate sobre os regimes cambiais na América Latina, com a presença de outro dos autores do Plano Real, Edmar Bachá. O evento terá até quatro debates simultâneos.